

Director: João Govern
Director adjunto: Miguel Monteiro

200\$00 (Inclui 5% de IVA) ■ ANO XIII ■ 723
Semanário ■ 16 de Abril de 1992

SE7E

MONSTROS EM FAMÍLIA

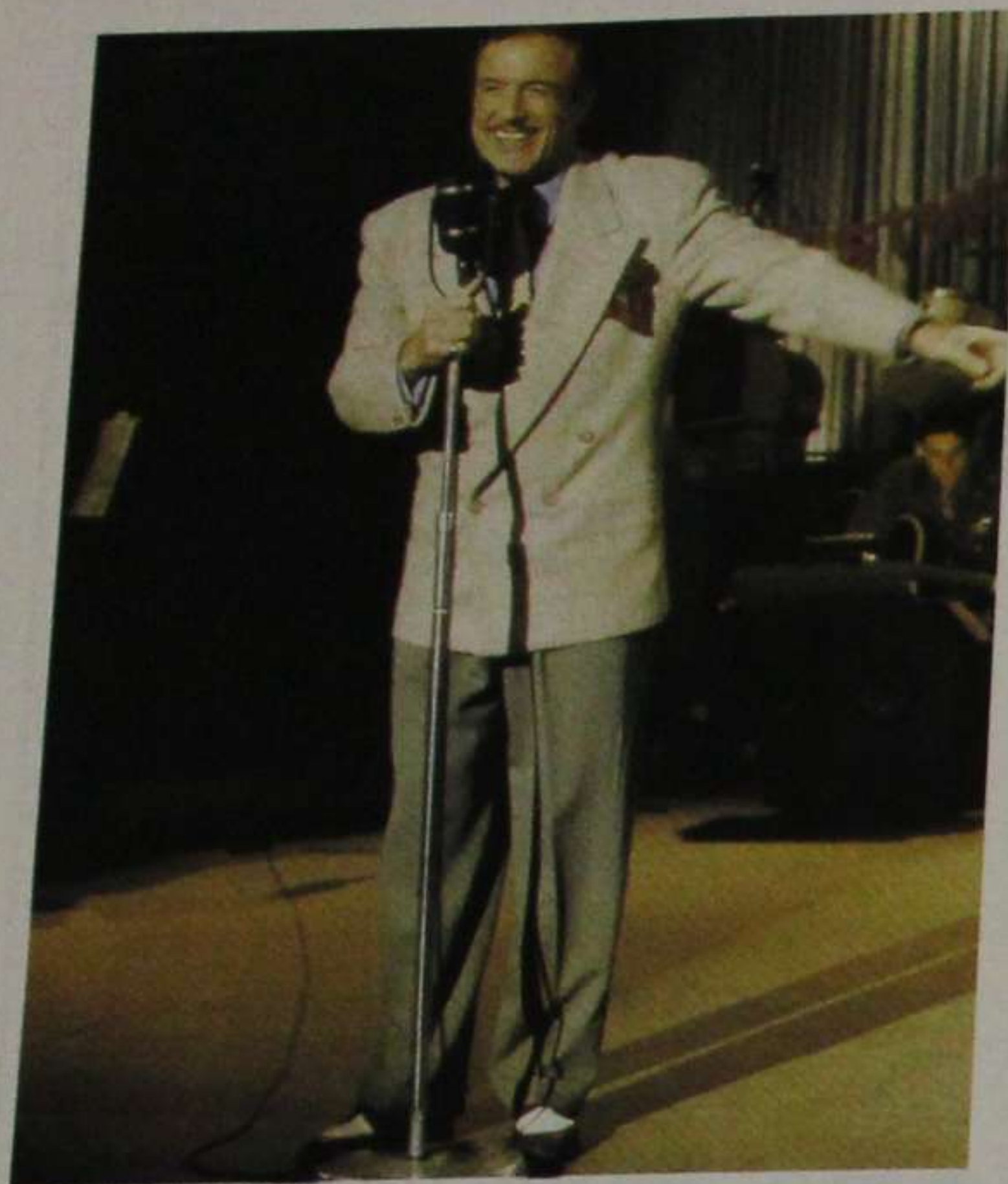
BUFFALO BILL
MADNESS
CHARLATANS
SEVILHA
MODA LISBOA



osicom
computers made in USA
OSICOM
*para si
que exige alta
performance*
TRIUBUS

OS ADDAMS





O filme que fez Bette Midler voltar às bocas do mundo. Foi nomeada para um Oscar de Melhor Actriz. E perdeu



DIAS DE GLÓRIA... DIAS DE AMOR

amor em tempo de guerra

For *The Boys* é um filme de reencontros. Marca o reencontro dos dois protagonistas, Bette Midler e James Caan, com o realizador Mark Rydell («The Rose» e «Cinderelle Liberty», «Harry And Walter Go To New York», respectivamente). É o reencontro de Bette Midler com o musical, género que definitivamente a lançou no cinema, e retoma uma tradição de Hollywood responsável por muitas das imagens que o mundo tem da História, a saber, a reconstituição de períodos importantes, como as guerras, com o pretexto melodramático por mote.

Temporalmente, o tempo que a fita atravessa corresponde a cerca de 50 anos de história, e três guerras travadas pela América: a Segunda Guerra Mundial, a da Coreia e o Vietname. A imagem que é dada de cada uma delas é o percurso de uma dupla de «entertainers», que nunca falhou uma apresentação «para os rapazes» de todas estas frentes de batalha,

com piscadelas a tantas outras que, de facto, se formaram naquela época, e para quem o levantamento do moral das tropas da nação foi um veículo de marketing imprescindível no lançamento das suas carreiras. É através do recurso do costume que tudo é contado: em «flashback», Eddie Dixieland (Midler) está nos seus oitenta, e é convencida por um assistente furioso da importância da sua presença num espectáculo televisivo transmitido para 50 milhões de pessoas, de homenagem a ela e ao seu antigo par, Eddie Sparks (Cann).

Aí, o tempo volta tão para trás quanto possível. Ao dia em que Dixie encontra Eddie, à época um galã de enorme sucesso nos palcos, onde tinha de se saber cantar, dançar e dizer piadas. A garota (enfim, falamos de Bette Midler) foi substituir à última da hora a parceira do senhor, num espectáculo para as tropas americanas sediadas em Londres. O encontro que duro - é uma chatice encontrar alguém que possa fazer sombra... - mas igualmente mágico. Estava traçada uma

história que iria durar 50 anos. A intriga de primeiro plano é a desse casamento profissional perfeito, da trupe que sempre os acompanhou, da rádio à televisão, e do contraste violento entre as personalidades do casal. Eddie, marialva dos sete costados e «show man» até à última casa, para quem a vida é mesmo um palco e tudo o que interfira com ele deve ser erradicado, e Dixie, uma mulher volúvel e íntegra, a quem o sentido de humor impede de sucumbir às tragédias pessoais.

Esta comédia dramática musical tem, pois, aparentemente, todos os ingredientes para seduzir o chamado grande público. Nos EUA, não funcionou. Aqui ainda não se sabe, mas o mau lançamento do filme (sem prévia mostra à imprensa) também não ajudou. Por mim, desconheço até que ponto a imagem setentista e cor-de-rosa de Bette Midler tem ainda eco entre quem vai ao cinema. Mas seria um sinal interior de bom gosto que não fosse exagerado.

A senhora está igual a si própria enchendo o ecrã com uma expressão facial intensa e um busto infinito, James Cann, perro e a um milímetro do cabotino, está uma sombra do que já o vimos o fazer, nomeadamente quando dirigido por Coppola, em «O Padrinho» e «Jardins de Pedra».

Restam os valores de produção. São bons e cuidados ao pormenor. A banda sonora é de Dave Grusin, cada vez mais um nome a reter («O Segredo de Milagro», «Os Fabulosos Irmãos Baker»), e é boa. É a segunda produção da companhia de Bette Midler, a All Girl Production - o que querará ela dizer com isto? -, depois de «Beaches» com Barbara Hershey, e o «production designer» e sua equipa esmeraram-se. A arquitectura dos espaços e do guarda-roupa corresponde muito adequadamente à mudança das décadas e a fotografia acompanha o sentimento que delas tiveram os americanos. Atmosfera romântica para a Segunda Guerra, onde era inequívoca a adesão da nação (claro que era bom matar nazis), o crescimento do mal-estar nos anos cinquenta com o advento das listas negras de McCarthy, e apesar de então «better to be dead than Red», a conseqüente ambivalência dos americanos em sancionar a guerra da Coreia, para o Vietnam onde, então, a polémica foi aberta e as cicatrizes perduram. Não é mau, mas para quem ache que o cinema é algo mais que dinheiro e actores, é muito pouco.

■ Teresa Carmo

DIVINE MADNESS

1.º LUGAR EM INGLATERRA

CD • MC • 2XLP

À VENDA DIA 9 DE ABRIL

SEGURANÇAS P/ESPECTÁCULOS E «BODY-GUARDS» PRECISAM-SE

Firma do meio artístico necessita expandir o seu departamento de segurança. Oferecem-se posições em «part-time» a elementos de ambos os sexos com conhecimentos de segurança pessoal (artes marciais, etc.), boa preparação física e disponibilidade aos fins-de-semana.

SÃO CONDIÇÕES PREFERENCIAIS: Altura superior a 1,78; conhecimentos de inglês/francês falados.

Enviar carta detalhada para: Apartado 88 2801 Almada Codex

MÁ SORTE TER SIDO PUTA

ATENÇÃO NOVO HORARIO SÓ ATÉ FIM DE ABRIL

5.º MÊS

DE QUINTA A SÁBADO 21.30, DOMINGOS 17.00

Texto de John Ford. Encenação de João Mota.

Patrocínio: Secretária de Estado da Cultura. Fundação Calouste Gulbenkian.

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

Apoios: **COMUNHO**, **The British Council**, **Expresso**, **COMUNHO**

EALING COMEDIES

SEMANA CULTURAL INGLESA PROGRAMAÇÃO DE CINEMA

Dia 16
5ª Feira: «The Lavender Hill Mob» (1951)
22hs. de Charles Crichton

Dia 17
6ª Feira: «The Tifflid Thunderbol» (1952)
22hs. de Charles Crichton

Dia 18
Sábado: «The Lady Killers» (1955)
22hs. de Alexander Mackendrick



CHAPITÔ RUA COSTA DO CASTELO 7 Tel. 878225 / 861410 Fax 861463

ENTRADA LIVRE

SÁBADOS ÀS 21 H

MÚSICA ao vivo

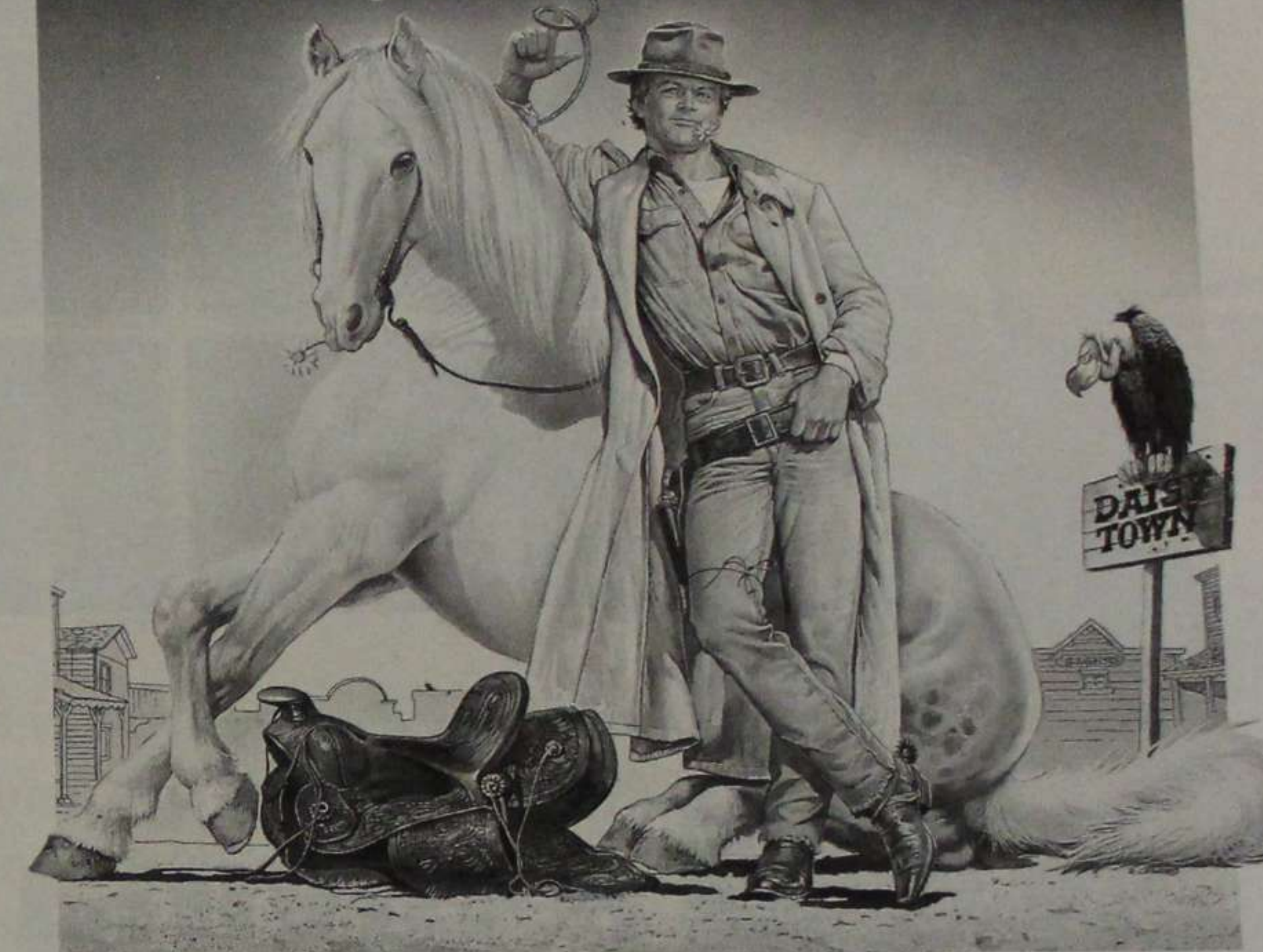
Dia 18 — JAZZ

Heike Brockmann na guitarra, Pedro Gonçalves no contrabaixo e Miguel Gonçalves no trompete

espíral centro para a divulgação de alternativas Praça Ilha do Faial, 14-A A Estefânia - Lisboa Tel. 57 35 85

TERENCE HILL LUCKY LUKE

o cowboy mais rápido que a sombra.



«LUCKY LUKE» Baseado nos personagens dos livros de Banda Desenhada «LUCKY LUKE» de MORRIS & GOSCINNY Publicado por DARGAUD
Com NANCY MORGAN RON CAREY FRITZ SPERBERG DOMINIC BARTO BO GRAY
Fotografia de CARLO TAFANI GIANFRANCO TRANSUNTO Guarda-Roupa VERA MARZOT
Planeamento de Produção PIERO FILIPPONE Montagem de EUGENIO ALABISO Tema Musical de ROGER MILLER Música de AARON SCHROEDER
e DAVID GROVER Argumento de LORI HILL Produção de PALOMA FILMS e RETEITALIA Realização de TERENCE HILL
LUSOMUNDO Maiores de 6 anos

AMANHÃ ESTREIA ÀS MATINÉES

ALFA 3 - AMOREIRAS 3 - POLITEAMA - BABILÓNIA (Amadora) - WARNER - LUSOMUNDO 5 (Cascais)
PORTO: CHARLOT - CASTELO BRANCO - SETÚBAL - V.N. FAMILIÇÃO

GUITARRAS

Eléctricas e acústicas, reparo, transformo. Afino pianos.

Contactar tel.: 466 30 13

FIAT UNO 60 SX

FX-98-11

Dão-se alvissaras

Contactar:

Telefs. 479 50 16 52 82 07



SIMONE DE OLIVEIRA

La Calle

Trav. da Trabuqueta, 35-39 Lisboa

DIAS:

20 e 26 Abril
3 e 10 Maio

Reservas:

Tel.: 60 37 61

ELENCO DO
TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Catarina Avelar
Curado Ribeiro
Eunice Muñoz
Fernanda Borsatti
Henriqueta Maya
Igor Sampaio
Irene Isidoro
João de Carvalho
João Perry
Lurdes Norberto
Madalena Braga
Manuel Coelho
Maria Amélia Matta
Paula Mora
Ruy de Carvalho
São José Lapa
Varela Silva

CONVIDADOS
Carlos Quintas
Elizette Bayan
Luís Castanheira
Luís Madureira
Rita Ribeiro
Simone



PASSA POR MIM NO ROSSIO

Revista
à Portuguesa de
Filipe La Faria

Encenação e Cenografia: Filipe La Faria

MÚSICA
João Paulo Soares
COREOGRAFIA
Vitor Linhares
FIGURINOS
Jasmin de Matos

Terça a sábado 20.30
Domingos 16.00
INFORMAÇÕES (01) 347 10 78
RESERVAS (01) 342 23 10

Praça D. Pedro IV • 1000 Lisboa

DESCONTOS de 50% às terças e domingos para estudantes
cartão jovem, reformados, pessoas com mais de 65 anos
e grupos com mais de 20 pessoas.

BREVEMENTE aos SÁBADOS
2, 16, 23 e 30 de Maio de 1992
A Ceia dos Cardeais
de Julio Dantas
com
CURADO RIBEIRO
RUY DE CARVALHO
VARELA SILVA

TRÊS ACTORES, UM TEXTO E UMA CONVERSA

OURAHOTEL

Vendo semana 47
Apartamento de 4+2 pessoas
Próprio: Tel. 52 03 51
(noite) 931 62 84



COIMBRA
Centro Comercial Girassol
Avenida João Deus Ramos, n.º 146

Semanal

JL
jornal de letras,
artes e ideias

Um espaço
para os que preferem
a qualidade

PARQUE EUROPA

T2 a estrear em Maio.
Cede-se posição

Próprio: Tel. 52 03 51
(noite) 931 62 84



INTER-MÚSICA
APRESENTA...
F. F. F.
(Com)Fédération Française
de Funk

A BANDA FRANCESA DE «FUNK MUSIC»

AO VIVO

SEXTA-FEIRA, 17/ABRIL:
• DANCETERIA LIDO (AMADORA)
SAB., 18/ABRIL:
• DANCETERIA WINNERS (AVEIRO)

HAZELL DEAN
30/ABRIL
• ENSEADA CAFÉ (PÓVOA DE VARZIM)

DE 6 A 12 DE MAIO
DE NOVO A PEDIDO DO PÚBLICO REGRESSAM OS...
LA FRONTERA

AO VIVO

1/MAIO - PAVILHÃO INFANTE SAGRES (PORTO)
6/MAIO - AVEIRO - INTER-ESPECTÁCULO/ASSOC. AC. AVEIRO
7/MAIO - COVILHÃ (ASSOC. UNIV. BEIRA INTERIOR)
8/MAIO - COIMBRA (QUEIMA DAS FITAS 92)
11/MAIO - DISCOTECA ANATOMIA (VIANA DO CASTELO)

A SEGUIR:

12/MAIO - PAVILHÃO
DAS FEIRAS - AVEIRO

16/MAIO - CASINO DA PÓVOA DE VARZIM
(PRÉMIOS CLUBE DE JORNALISTAS
DO PORTO)

22/MAIO
23/MAIO - ENSEADA CAFÉ (PÓVOA DE VARZIM)

PRODUÇÃO
NACIONAL:

CONTRATAÇÕES EM ABERTO

TEL. (01) 276 03 39
FAX (01) 276 51 33

PRACETA D. PEDRO I, N.º 3-2º
2800 ALMADA

AS NOITES DIFERENTES

HOJE

A VOZ NOVA DE CABO VERDE
VAISS

e a Banda privativa do Baile
Um concerto único

LARGO CONDE BARÃO, 50 - 2.º - 1200 LISBOA TELEFS.: 396 43 31 - 396 37 35



É já hoje que vai
para o ar o primeiro
programa que a RTP
produziu, sozinha,
em alta definição:
o espectáculo de
Carlos Paredes no
S. Luiz. Fazemos o ponto
da situação do que vai
ser isso da alta definição



FOTOS GONÇALO ROSA DA SILVA

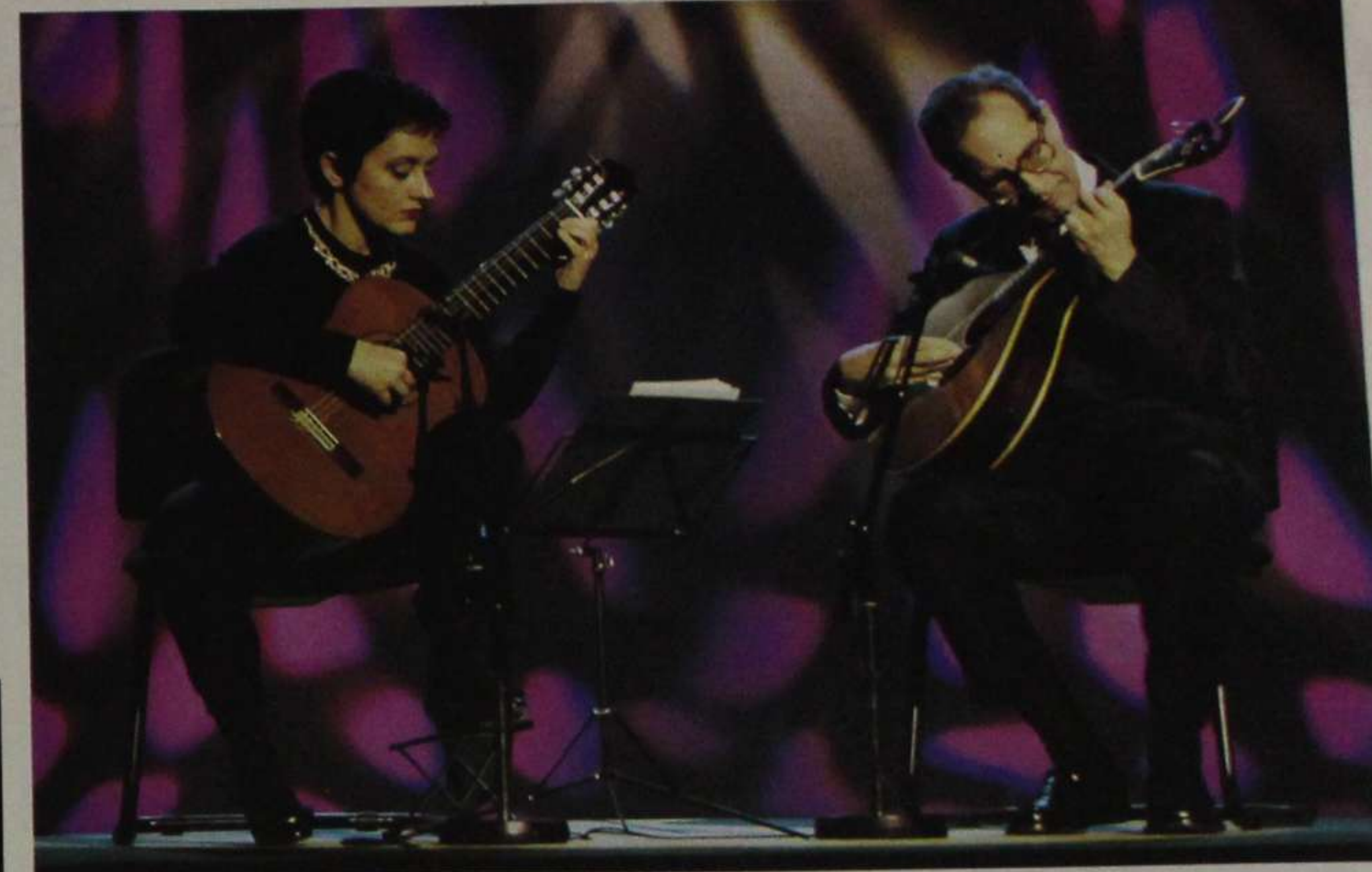
A televisão em alta definição (que passaremos a designar como A.D.) é muito mais que uma inovação tecnológica. Poucos saberão, com efeito, de todas as implicações que a instauração de tal sistema em nossas casas terá. Por isso, o SE7E foi ouvir o homem que mais sabe da matéria, o Eng.º Ismael Augusto, chefe do Centro de Produção de Lisboa da RTP e do Departamento de Investigação, para aqui se fazer o ponto da situação, em termos perceptíveis a um leigo, como é o caso de quase todos nós.

Ora então, **ponto um**. A criação do sistema de televisão em A.D. teve na base dois tipos de causas: técnicas e económicas. Do ponto de vista técnico, acontecia que, mercê de insuficiências fortes dos sistemas existentes, estes se encontravam tecnologicamente esgotados. O exemplo simples da chamada «cross luminance», em que a imagem de uma camisa às riscas perde muito da sua informação (algumas riscas, por exemplo...), é o mais sintomático. Pouca qualidade na imagem, portanto. Do ponto de vista económico, a indústria chegou a uma situação de patamar deveras penosa. O parque mundial de televisores é neste momento de cerca de 750 milhões, sem grandes hipóteses de expansão, chegados que estamos já à fase de substituição do 1.º televisor. É duvidoso que o consumidor comum, mesmo o americano, queira ter 10 televisões em casa.

Então, e caminhando para o **ponto dois**, para fazer um pouco da história desta invenção, eis que os japoneses, sempre na vanguarda destas coisas, desenvolvem, na década de 60, o primeiro sistema experimental de A.D. Chamava-se o brinquedo «High Vision» e sugeria duas mudanças radicais. Uma, ao nível da imagem: enquanto o sistema PAL apresentava 625 linhas de informação visual, o japonês tinha 1125 linhas, quase o dobro, o que significava que o detalhe na imagem era muito maior e que, em suma, a qualidade e quantidade de informação de uma imagem eram substancialmente acrescidas. Segunda mudança: o tradicional formato de 4 por 3 do televisor normal era substituído por um novo, de 16 por 9, ou seja, um ecrã muito mais «rectangular», digamos e, visto que os olhos se encontram na horizontal (principalmente os japoneses!), muito mais confortável à fisiologia humana.

Entre 82 e 84, o C.C.R. (Comité Consultivo de Rádio e Comunicações), espécie de órgão tutelar das comunicações mundiais, que estabelece os standards nestas matérias, pretende instaurar o sistema japonês, e é então que a Europa desperta. É que existe um mercado vastíssimo e cada vez maior de operadores de televisão e isso não é coisa que se perca.

É assim que, em 84, a U.E.R. (União Europeia de Radiodifusão) decide avançar com o seu sistema de A.D. Em 86, com a criação do projecto *Eureka 95*, surge o sistema HDMAC (HD para High Definition, MAC para Multiplex, pois que se trata de uma família de sistemas, uma nova norma, para melhorar a qualidade de som e imagem). O que o HDMAC traz de novo é uma melhor qualidade do som (permite a existência de 4 a 8 canais áudio), uma melhor qualidade de imagem (muito mais informação) e, sobretudo, dar



ALTA DEFINIÇÃO

televisão ao microscópio

resposta a uma coisa que a Europa queria: que o sistema a adoptar fosse compatível com o sistema tradicional de televisão, implicando apenas como equipamento acessório um pequeno descodificador. Seria um sistema progressivo, ao contrário do japonês, que exigia mudança total no equipamento. Simplesmente, esta vantagem é um tudo nada falaciosa. Isto porque, se a compatibilidade existe tecnicamente falando, já na prática a coisa se complica, pois como o tradicional televisor 4x3 teriam de se pôr duas barras horizontais (como quando se emitem filmes em cinemascopo) e, através de estudos vários, está mais que provado que o esquema não agrada ao telespectador, que prefere sempre ver o ecrã integralmente preenchido.

Entretanto, e só em 87, os EUA começaram a desenvolver este sistema, uma vez que até aí era conveniente a dependência das empresas japonesas por razões de ordem política e de estratégia. Ao abrigo da FCC (Comité Federal de Comunicações), órgão regulador de todo o espaço rádio-eléctrico norte-americano, desenvolvem-se seis propostas de sistemas, que estão neste momento em análise e a ser testadas já com programas, prevenido-se que em Junho

de 93 esteja escolhido o sistema a adoptar. A grande diferença da investigação americana reside no facto de cinco dessas propostas serem digitais (a europeia e a japonesa, do ponto de vista da imagem são analógicas). Além da ideia de emitir simultaneamente em sistema tradicional e A.D. ou seja, o telespectador poderia ver um programa normal num canal, e vê-lo em A.D. noutro. «Sem fazer juízos de valor esta deve ser a tendência», afirma Ismael Augusto, ressalvando embora a hipótese muito provável de o sistema europeu evoluir para digital.

Resumindo e concluindo, os dois primeiros pontos da questão (técnico e económico), têm ainda de conhecer consensos e melhoramentos, nomeadamente no mundo do digital, onde se põem sérios problemas na rede terrestre. Neste momento, a grande evolução em estudo chama-se «compressão de dados» (transmitir a mesma informação em metade da banda).

Passamos, assim, ao **ponto três**: a produção. É vital que haja «software» para este «hardware», isto é, não basta ter um sistema, é preciso que este possa ser utilizado. Para não acontecer o que aconteceu à Sony com o Beta Max, que foi por água abaixo porque não foi acautelada a produção de filmes naquele formato. E assim que acontece, no AZIZ (88), espécie de fórum europeu do audiovisual, pela primeira vez a tomada de consciência que poderia fazer do projecto da A.D. muito mais que uma ideia. Daí é criado, dentro do Eureka 95, um grupo (*Vision 1250* - nem tentemos entender a razão dos números...) que é o primeiro a «casar» indústria e os produtores de televisão, do qual a RTP faz parte. Esta participação situa-se na ordem dos 60 mil ecus e significa basicamente que o parque de equipamento, já muito razoável, da Vision está ao dispor da RTP para a feitura de programas.

A história dessa colaboração vai já para a terceira «aventura». O 1.º programa em A.D. foi «Treze Gestos», o bailado de Olga Roriz para o Festival de Berlim (em co-produção com a Gulbenkian), o 2.º foi, em 89, o programa subordinado ao tema «Música de Filmes Europeus», no Teatro Maria Matos (em co-produção com a empresa belga Cobra Filmes) e o 3.º é que hoje vai para o ar, o espectáculo de Carlos Paredes, que é na realidade a primeira produção a solo em A.D. da RTP. É claro que, quem não se deslocar à Expo de Sevilha, onde vai ser mostrada em A.D., a vai ver como de costume.

Para acabar, convém que seja com o **futuro**. A data prevista para o arranque do sistema A.D. é (já) 95, implica a substituição total do equipamento vídeo da RTP (e dos outros canais que, neste aspecto, terão mesmo de se pôr a pau) e uma formação de técnicos que, na prática, já começou, devendo adquirir uma forma sistemática já a partir deste ano, em especial entre os realizadores e equipa técnica que os acompanha, com relevo para as áreas mais «sofredoras», iluminação e cenografia. Boa notícia: a produção em 35 mm, qual Félix renascida das cinzas, é o suporte ideal para os stocks da A.D., o que significa que a televisão pode usufruir de forma radical dos benefícios do cinema. Ao trabalho, pois.

■ Teresa Carmo